

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS

CAROLINA SANTOS VIANA

**LESBIANISMO E FEMINISMO NEGRO NA CONTÍSTICA DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

GOIÂNIA

2021

CAROLINA SANTOS VIANA

**LESBIANISMO E FEMINISMO NEGRO NA CONTÍSTICA DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Antônio Vieira

GOIÂNIA

2021

CAROLINA SANTOS VIANA

**LESBIANISMO E FEMINISMO NEGRO NA CONTÍSTICA DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da  
Escola de Formação de Professores e  
Humanidades da Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás como um dos requisitos para  
a obtenção do grau de licenciatura plena em  
Letras-Português.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

Para todas as mulheres negras e lésbicas dedico esta pesquisa.  
Especialmente, à Conceição Evaristo, intelectual e escritora negra.

M e M

Nos olhos o fogo e o afago  
denunciam desejos,  
labaredas cozinham  
pacientemente a espera.

A mulher ficou-se  
e na quietude  
encontrou a sua nova veste  
que suavemente se desfaz  
em corpos iguais  
que se roçam.

Maria e Maria,  
espelho único,  
onde a outra face  
é ela e ela.

Conceição Evaristo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sobre todas as coisas a Deus. A Oxalá, que em meio ao caos que foi minha formação, como mulher negra, pobre, filha de mãe solo, me manteve resistente nos diversos percalços que me encontrei. A força grandiosa que Ele me concedeu. Aos dias que acordei, a todos os dias que eu acordei com o desejo de realizar com paixão o curso de Letras. As palavras de fé que me fez entender que sou merecedora deste momento; que posso tudo o que quero, e que tenho a força dele para prosseguir. Oxalá yê, meu pai!

À mãe Iemanjá. Minha mãe guerreira, por me atender nas horas que recorro a teus poderes divinos. Graças te dou, Odô. Pelas tuas radiações milagrosas, agradeço por tua proteção constante que tens me proporcionado ao longo de minha vida. Saravá Iemanjá!

Ao pai Xangô. Por tudo o que de melhor aconteceu, meu Senhor de Oyó agradeço. Que viu a luta que foi este momento de minha vida. Pai justiceiro e dos incautos. Pelos ensinamentos, acontecimentos. Pela eterna paixão com que fazemos o mundo acontecer. Kaô Kabecilê!

À minha mãe biológica, Cleanes Viana. Que me ajudou e torceu por mim em todos os dias de minha vida. Que fala com orgulho de sua filha graduanda e inteligente (palavras dela). Que me ama, cuida e se preocupa. Que apesar de suas falhas, nunca deixa de mostrar o seu amor materno. Que me respeita e que respeita quem eu amo. Eu te amo mãe!

À minha família materna. Minha família preta. As minhas tias, tios, primos e avós. Principalmente à minha avó, que cuidou de mim toda a minha infância. A minha ancestral e símbolo de mulher guerreira, mãe solo, que mesmo com os seus traumas, nunca deixou de dar amor aos seus filhos e netos. Eu te amo demais, ovó. Você é tudo pra mim. Isso aqui é pra você. É pra nós!

A minha namorada, Ana Paula. Minha namorada, amiga, irmã, e eterna companheira. Quem melhor acompanhou meus dias de luta, e tantos foram eles. Quem me viu chorar e sorrir em meio a graduação. Nosso amor é inspiração para o que trago neste estudo. Eu te agradeço por ter me ajudado neste momento de minha vida. Eu te amo

por tudo que você é e fez por mim. Nosso amor é preto e lindo. É afeto que cura as maiores e piores cicatrizes. Te amo, preta!

Às minha amigas e aos dois amigos. Deborah, Heloany, Victória, Amanda, Lara, Isabella, Jeane, Letícia, Rodrigo e Lucas. Eu agradeço o amor de vocês, e o incentivo que me deram ante, durante e depois. Eu amo cada um de vocês e todos os nossos momentos de farra e conhecimento. Amo o fato de vocês me amarem e me aceitarem do jeitinho que sou. Essa vitória é nossa. Não desistam de mim! Amo vocês.

Às três crianças da minha vida, Aurora Cecília e Augusto. Eu te amo minha afilhada Aurora. Você é o maior presente da minha vida e sol que ilumina minhas manhãs. Eu quero te ver crescer e contribuir ao máximo para suas vitórias. Ceci, eu te amo pretinha. Você a criança mais linda desse mundo. Augustinho, você é um incrível amigo, eu te amo muito. Vocês me fazem nunca perder a essência de ser criança. Amo vocês.

Ao meu encantador orientador e divisor de águas, Dr. Paulo Antônio. Eu te agradeço por orientar em meus estudos, e por me ajudar na contínua (re)construção como mulher negra. Você sabe o quanto foi peça fundamental em minha identidade. Sou sua eterna admiradora. Te amo e amo sua vida.

À professora e coordenadora Helen. Suas intervenções e ajudas foram de extrema importância para minha formação, sobretudo, enquanto ser humano. Me orgulho por ter tido alguém como você em minha trajetória discente.

A todos os professores que me fizeram uma aluna. Agradeço e amo vocês. Este momento foi o melhor de minha vida. A todos os outros que não citei, agradeço de todo o meu coração. Vocês fazem parte disso aqui.

Axé!

## RESUMO

O presente estudo aqui desenvolvido, propõem refletir e analisar o lesbianismo e feminismo negro tratados com veemência nas escritas de Conceição Evaristo. Ser negra e lésbica em uma sociedade racista, sexista e homofóbica, que em razão desses fenômenos torna esse ser invisível, e ser vítima de uma tríplice condição de opressão: mulher, negra e lésbica. O entrecruzamento destas opressões, possuem, ainda, pouca representação no campo literário. Um grande fator para tal situação é que há uma construção de estereótipo em torno da mulher negra lésbica levando-a, no imaginário social, à condição de não-humana, fruto de um histórico de exclusões que, de forma perversa, conduziu as mulheres afrodescendentes à vulnerabilidade social a que estão submetidas. Considerando isso, foram analisados três contos da autora, na tentativa de romper com a estigmatização desses corpos negros e lésbicos. Deste modo, o estudo será conduzido através de uma divisão em três capítulos, sistematizando as percepções em torno dos contos da autora. Para discorrer tais reflexões, os suportes teóricos residem, principalmente sobre, bell hooks (2019), Lélia Gonzalez (2018), Djamila Ribeiro (2018), Grada Kilomba (2019), Judith Butler (2003), Angela Davis (2016) e Kimberlé Williams Crenshaw (2007).

**Palavras chave:** Conceição Evaristo. Lesbianismo. Feminismo Negro.

## SUMÁRIO

|   |       |
|---|-------|
| INTRODUÇÃO.....                                   | ..... |
| 1. LUAMANDA E SUAS FASES .....                    | ..... |
| 2. "BEIJO NA FACE": DO CASULO À METAMORFOSE ..... | ..... |
| 3. ISALTINA CAMPO BELO: AFETO CURA.....           | ..... |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                        | ..... |
| REFERÊNCIAS .....                                 | ..... |

## INTRODUÇÃO

O Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), possui população, ‘majoritariamente’, constituída por indivíduos negros. E esse mesmo grupo, expressivo em números, tratando-se de privilégios socioeconômicos, é também segundo as estatísticas a menos privilegiada. Considerando ainda grupos minoritários, a comunidade LGBTQIA+<sup>1</sup>, constitui a parte da população mais exposta e vitimada das variáveis violências e opressões sociais. Sendo assim, mulheres negras lésbicas têm, de forma contumaz, suas experiências secundarizadas e suas vozes silenciadas em movimentos que deveriam abraçá-las e demonstrar empatia por suas vivências.

Considerando a perspectiva interseccional, que leva em conta questões raciais, de gênero e de classe, a pesquisa ora apresentada, busca priorizar, no corpus de sua análise, textos que evidenciam a posição social a que é submetida a mulher negra e lésbica. Para que tal fim seja atingido, a pesquisa será desenvolvida através da leitura crítica da contística da escritora Conceição Evaristo. As narrativas da autora demonstram uma fuga da homogeneização, pois insere em suas narrativas a mulheridade negra, entre elas a mulher negra e lésbica, vítimas de fenômenos interseccionais, resultando na invisibilidade. Audre Lorde observou:

Deixe-me dizer a vocês primeiro como foi ser uma mulher Negra e poeta nos 60 para adiante. Significa ser invisível, ser realmente invisível. Significa ser duplamente invisível como mulher feminista negra e significa ser triplamente invisível como lésbica negra e feminista.” (LORDE, 2009, p. 36).

O depoimento de Audre Lorde evidencia o entrecruzamento de dilemas nas experiências individuais de mulheres lésbicas negras, que, comumente sofrem uma

---

<sup>1</sup>No Brasil, a partir de 2008, a sigla LGBT passou a ser utilizada para identificar a ação política e conjunta de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais. No dia 08 de junho daquele ano, durante a I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, ocorrida em Brasília-DF. Na atualidade há inclusão de variações da sigla LGBT, para designar outros movimentos e identidades em construção (Intersexos, Queer, Assexuais ou mesmo um sinal de +).

exclusão mais contundente por estarem inseridas em uma sociedade altamente racista, homofóbica, misógina, machista e sexista. É urgente que tais opressões sejam denunciadas e que essa parcela da sociedade tenha voz nos espaços públicos para proclamarem a particularidade de seus dilemas.

Antonio Candido (2011), no ensaio “O direito à literatura”, observou que a literatura é um meio de serviço em potencial para criar empatia pelo outro. Portanto, se a literatura é um espaço de reflexão e superação das divisões sociais, a obra de Conceição Evaristo desempenha um importante papel no processo de afirmação de mulheres negras, pobres e lésbicas, pois ela dá voz a tais figuras, sem tratá-las com traços estereotipados, conforme é recorrente na literatura canônica.

Durante sua formação na graduação em Letras, no mestrado e doutorado em Literatura, a escritora participou de espaços que objetivavam discutir o lugar social da pessoa negra e, não apenas por isso, sua literatura traz traços de sua vivência enquanto mulher negra e brasileira:

Ele (o texto) tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (...) a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

A reflexão da autora demonstra uma consciência crítica sobre o lugar ocupado pela mulher afrobrasileira na sociedade. O que percebo é que tal debate foi promovido de modo muito mais intenso na literatura que Evaristo produziu. Dentre os contos da autora, proponho analisar a intersecção gênero, raça e classe, considerando os seguintes escritos: “Luamanda”, “Beijo na face” e “Isaltina Campo Belo”. Para tanto, opto por desenvolver a pesquisa ora apresentada em uma organização estrutural que aborda os contos escolhidos através da divisão em três capítulos, considerando um conto para cada capítulo. Os dois primeiros contos fazem parte do livro *Olhos d'água*, publicado em 2014, coedição da Fundação Biblioteca Nacional e da editora Pallas. O livro é constituído de quinze contos, muitos deles publicados nos Cadernos Negros e que, agora reunidos,

constituem personagens em situações baseadas no cotidiano da comunidade negra/afro-brasileira urbana.

O conto “Luamanda” apresenta uma personagem homônima descrita como uma mulher negra de aproximadamente 50 anos, embora a escritora evidencie que sua aparência não ultrapassa a marca de 30 anos, mãe de cinco filhos, solteira, e com diversas experiências, que são frutos de suas relações com seus parceiros e parceiras:

Entre encontros e desencontros, Luamanda estava em franca aprendizagem. Uma aprendizagem no, por dentro e fora do corpo. A cada amor vivido, Luamanda percebia que a lição encompridava, mas que ainda faltavam testes, arguições, sabinas e que ela sabia só um pouquinho ou talvez nem soubesse nada ainda (EVARISTO, 2016, pg. 63).

Luamanda é uma mulher consciente de sua liberdade corpórea, e faz uso disso com notoriedade. Porém, a liberdade vivida por ela gerou reações. Seus inúmeros amores deixaram muitas cicatrizes, mas que de alguma forma, serviram-lhe para seu contínuo processo de autoconhecimento.

O conto “Beijo na Face” tem seu enredo formado em torno de uma mulher, Salinda, que se entrega a um novo amor lesboafetivo<sup>2</sup> e que ao conhecer sua parceira, acaba por se reencontrar e ressignificar sua trajetória, pois sua existência era marcada por coação, abusos psicológicos do marido que mantém presa ao casamento. É quando então, Salinda encontra a sua outra igual, que a faz sentir-se viva novamente:

Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória (EVARISTO, 2016, p. 57).

Em uma sociedade fundada no ideal do patriarcado e sustentada no heterossexismo compulsório, sendo esse retrato o do nosso Brasil, uma escrita onde se evidencia uma mulher negra que se apaixona por outra mulher, sendo esses sujeitos duplamente discriminados, é raro e subversivo. Evaristo quebra o paradigma literário ao dar voz a essas narrativas, colocando personagens socialmente à margem, no centro,

---

<sup>2</sup> A utilização dos termos, lesboafetivas e lesboafetividade são formas de dar visibilidade à figura da mulher lésbica e suas relações afetivo/sexuais, além de ser uma postura política perante a questão.

sobretudo, em troca de afeto, pois antes eram representados na arte sempre à satisfação do outro, e quase nunca de si mesmos.

O terceiro e último conto estudado encontra-se na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, publicado em 2016, com sua 3ª edição pela editora Malê. Composto de treze contos, sendo esses, baseados em entrevistas reais que a autora realizou com mulheres negras de cidades diversas do interior de Minas Gerais, as histórias têm como protagonistas mulheres negras que explicitam suas dores, anseios, temores, mas, antes de tudo revelam a imensa capacidade de se retirarem do lugar do sofrimento e inventarem modos de resistência.

No conto “Isaltina Campo Belo”, a escritora elege o ponto de vista de uma mulher negra para contar as experiências vividas pela personagem que dá nome à narrativa. A personagem é focalizada sob uma tríplice condição de opressão: mulher, negra e lésbica; embora, na narrativa, a sexualidade da personagem se insinue muito mais pela estetização do desejo do que pela vinculação da identidade de gênero. A personagem sofre com o deslocamento de gênero, e é violentada por ser captada sob ótica outremizadora e animalizadora, mas, consegue reinventar-se ao encontrar-se consigo e com a outra, sua parceira Miríades. O texto busca discutir a reconstrução do sujeito a partir de tais opressões, com objetivo de superar a recorrente homogeneização de pessoas negras.

Bourdieu (2007), percebeu que o corpo é vítima de uma violência que não é somente física, é também “*simbólica*”, que tem como fim causar danos morais e psicológicos, danos esses, que podem ser notados com veemência nas personagens de Conceição Evaristo. Em contrapartida, como forma de denúncia e tematização consciente e produtiva das questões da ordem das opressões interseccionais, Evaristo elege personagens negras, femininas, lésbicas, transexuais, mães, afro-religiosas, marginalizadas e silenciadas por suas condições ou escolhas, cedendo-lhes centralidade e voz, tornando-as, sujeitos, e não mais objetos, de suas experiências.

Há, ainda, um estereótipo exercido sob a mulher negra, que titula essas mulheres, como “mulheres muito fortes”, ao se referirem sobre a forma como elas lidam com problemas ocasionados por sua cor. O que na verdade é um mito, como observa bell hooks (2019) ao afirmar que, “resistência não deve ser confundida com transformação”, pois ser forte diante de opressões genderizadas e racializadas, não é o mesmo que superá-las. É o que temos nas personagens de Conceição Evaristo: mulheres contornando seus obstáculos, e não superando-os, o que cria o sentimento de camaradagem do leitor em relação a elas.

Ainda tratando-se de "mitos" construídos em torno de figuras subalternizadas, Djamila Ribeiro (2018), partindo da análise da teoria de Simone de Beauvoir, vai questionar se a mulher moderna, realmente tem tido direitos equiparados aos homens ou se os mecanismos de opressões apenas se atualizaram. A filósofa feminista negra, diz isso, considerando que, ainda que as mulheres tenham adquirido espaço em lugares não ocupados antes, essas mulheres dentro de suas casas, são alvos do machismo. Ela diz ainda que: "Há aqui a confusão de atrelar valores democráticos a valores capitalistas. De confundir emancipação com ascensão econômica." (RIBEIRO, 2018, p. 85). É de suma importância que saibamos desassociar "direitos" de "privilégios". Apesar de as mulheres negras lésbicas terem seus direitos assegurados, o sistema de opressão nega qualquer possibilidade de privilégios para que elas possam tomar posse do que é delas.

Os sujeitos racializados, sobretudo no Brasil, são vítimas de graves lesões ainda nos dias de hoje, ocasionados pelo regime escravocrata. Dentre essas lesões, a que a mulher negra experiencia continuamente são os desmedidos arquétipos postos sobre elas, que em seguida, as tornam preteridas em uma relação conjugal. É nesse cenário conflituoso da intersecção de raça, gênero e classe, que Conceição Evaristo através de sua escrita, nos alerta sobre a problemática posta, pois como já percebido por Djamila Ribeiro (2018), trazer à tona algumas problemáticas é o primeiro passo para alcançar a dignidade de certos grupos.

Mulheres lésbicas vivem em um ciclo vicioso e duradouro em que a sociedade machista e homofóbica as posicionou, a exemplo da invisibilidade e o questionamento incessante de sua orientação sexual. Por outro lado, e não muito diferente, vivem as mulheres negras. Daí emerge o afeto entre mulheres, percebendo que são vítimas demasiadamente de opressões. Vilma Piedade (2018), percebe que há uma relação de "Dororidade" entre essas mulheres (majoritariamente negras), que se reconhecem em suas dores. Mulheres do *terceiro mundo*, como aponta Audre Lorde (2018), acabam por vivenciar uma tripartição de opressão: raça, gênero e sexualidade, que como percebeu Fátima Lima (2018), "intensificam o processo de exclusão".

A partir de tais fatos, podemos afirmar que há escritos sobre mulheres negras, e mulheres lésbicas em suas individualidades. Entretanto, quando o assunto se volta para a representação da mulher negra e lésbica, a quantidade de material cai drasticamente, e comumente tais figuras são tratadas como exóticas, consolidando estereótipos. Posto isso, fica evidente a importância que discursos como os propostos pela a escritora Conceição

Evaristo tomem proporção, pois ao afirmar isso, revelo meu descontentamento ao visualizar que minha infância e adolescência foram conduzidas por leituras e discursos que não representavam-me, sentindo-me, desta forma, deslocada da minha realidade como mulher negra e lésbica, e questionando o meu lugar na sociedade, e mesmo de minha história, sendo, ainda, submetida as condições sociais de inferioridade e a intensa desvalorização das minhas características físicas e mesmo capacidade intelectual. O que não ocorre ao ler e estudar as obras de Conceição Evaristo, pois as narrativas da escritora, subvertem os discursos que nós, indivíduos subalternizados somos submetidos diariamente, possibilitando, assim, uma (re)construção do meu eu, enquanto mulher negra e lésbica.

Evaristo, propõe, assim, a autorrepresentação através de suas obras, de modo que a escrita se torna um ato político, e nesse processo, não apenas a mulher negra ou mulher lésbica se sinta representada, mas também, a mulher negra lésbica, pois ser mulher negra e lésbica em um país que diariamente aniquila a existência desse ser é ter a necessidade de olhar-se no espelho em busca de sua outra face, como percebe Conceição Evaristo. A busca pela outra metade, que não surge por uma coincidência, é encontrada em sua igual, conforme reflexão desenvolvida no conto “Beijo na face”.

Portanto, o presente estudo surge da necessidade de debater e desenvolver pesquisas que coloquem essas experiências em evidência, como faz a literatura de Evaristo, com intenção de representar, positivizar, enaltecer, dignificar personagens que historicamente e estruturalmente foram discriminadas. Desse modo, os capítulos seguintes buscam desenvolver leituras dos contos separadamente a fim de reconhecer traços peculiares dessa autorrepresentação.





## 1. LUAMANDA E SUAS FASES

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas o mito da fragilidade feminina, porque nunca fomos tratadas como frágeis.

Sueli Carneiro.

“Luamanda”, nome da personagem e do conto, presente em *Olhos d’água*, narra episódios de dores, amores e questionamentos de uma mulher negra, com aproximadamente, cinquenta anos, o que para muitos que a viram, era impossível, pois “a sua pele não denunciava as quase cinco décadas que já havia vivido” (EVARISTO, 2016, p. 59). Apesar do nome “Luamanda” aparentar ser uma escolha despreziosa com o objetivo simples de dar nome a tal personagem, é possível identificar no corpus do texto, a referência ao nome Luamanda com o contexto vivido pela personagem, conforme nos aprofundaremos a seguir. Note-se que, o nome é formado por duas classes gramaticas: substantivo e verbo, **Lua-manda**, podendo, como uma possibilidade, significar que a lua rege a vida. Em um conceito convencional, a lua nos remete às várias fases que há em si, o que para Roselene Araújo e Vieira Júnior (2020), estaria “simbolizando que periodicidade, renovação, transformação e crescimento são fenômenos que tipificam a paixão e a natureza”. A relação estabelecida entre a protagonista e a lua dá o tom da narrativa: assim como a lua, a mulher desdobra-se em faces.

A partir disso, passamos a entender melhor o efeito do nome “Luamanda”. No conto “Luamanda”, a escritora subverte as representações hegemônicas da sexualidade da mulher negra. Narrado em terceira pessoa, o conto recorre ao discurso indireto livre e apresenta a trajetória, amores e experiências da personagem/título, “Lua, Luamanda, companheira, mulher” (EVARISTO, 2016, p. 59). Visto que o conto demonstra intenções de um enredo erótico para Luamanda, pode-se afirmar que a noção de autonomia contida na estrutura da personagem/título refere-se ao controle da sexualidade, quer dizer, Luamanda se configura como alguém que “manda” no próprio corpo e, portanto, nos próprios desejos sexuais, indicando emancipação.

É possível constatar-se que, durante todo o enredo há uma busca incessante pelo amor: “tardio seria, ou mesmo haveria um tempo em que as necessidades do amor seriam todas saciadas?” (EVARISTO, 2016, p. 60). Tal busca, que inicia-se em sua adolescência,

conforme a autora menciona, “quase menina, quase mulher”, até que “um dia, aos trezes anos, a cama do gozo foi arrumada em pleno terreno baldio.” (EVARISTO, 2016, p. 60). Notemos que a primeira experiência sexual de Luamanda não se deu em um cenário privilegiado de conforto, para um momento em que servirá de lembranças para experiências futuras.

Percebe-se que naquele momento, há confrontos de sentimentos: prazer e dor, “Luamanda chorando de prazer. O gozo-dor entre as suas pernas lacrimevaginava no falo intumescido do macho menino, em sua primeira vez no corpo de uma mulher” (EVARISTO, 2016, p. 60), o que gera um questionamento, um tanto quanto potencial ao parágrafo: “amor é terremoto?”, que em seu conceito, seria um movimento brusco e repentino em uma determinada zona.

Posterior a sua primeira vivência sexual, Luamanda, em outra fase, partilhou de seu corpo com outros corpos, e dentre eles, um homem que agora seria como um “jorro-d’água ou um tapa inesperado”, e como resultado deste amor, a experiência da maternidade, que “[v]inha para demarcar o tempo grávido da mulher e expulsar, em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco.” (EVARISTO, 2016, p. 61). Conceição Evaristo, foi quem contemporaneamente chamou atenção para a ausência da representação da maternidade da mulher negra com conotação positiva no campo literário do país, portanto, ela diz que:

Quanto à mãe preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Mata-se no discurso literário a sua prole, ou melhor, na ficção elas surgem como mulheres infecundas e portanto perigosas. (EVARISTO, 2005, p. 2)

Utilizando como pressuposto a afirmação de Evaristo, entende-se que, a não representação da mulher negra, torna-a invisível frente a realidades de múltiplas mulheres negras. Nesse sentido, Raquel Barreto (2018) pensa que, a luta das mulheres negras pode ser muitas vezes solitária, mas, ao mesmo tempo, articula-se ao nosso ser-múltipla, porque carregamos dentro de nós nossas ancestrais, esperanças e sonhos de outras mulheres negras, que encontram-se a margem e com extrema necessidade de uma realocação ao centro.

Prosseguindo com a narrativa, nos ateremos ao que para o projeto é de interesse: a relação homoafetiva negra. Segundo a autora, “depois, tempo depois, Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes ao seus” (EVARISTO, 2016, p. 61). Temos aqui, dois pontos consideráveis para o momento, o primeiro é o advérbio de tempo

marcado por duas vezes (depois), e sua parceira amorosa, que demonstra-se, segundo a narrativa, “semelhante a si”. Em primeira análise, o tempo aqui sugere “maturidade”, sendo esse, um dos pontos prioritários dentro do descobrimento homoafetivo, pois de um modo geral, leva-se um tempo para descobrir-se, aceitar-se e assumir-se. Nesse sentido, o emprego das palavras “depois” e “tempo”, geram interpretações sugestivas para o próprio parágrafo, o que permite identificar uma trama lesboafetiva. Em segunda análise, é elementar notarmos que “semelhante ao seu”, traz duas constatações: ela é mulher, e negra, o que aparentemente, faz Luamanda explorar o amor, para além de prazer, pois há uma busca identitária:

E, quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes ao seus, quando a sua igual dançou com leveza a dança-amor com ela, saudade alguma sentiu, vazio algum existiu, pois todas as fendas de seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra. (EVARISTO, 2016, p. 61)

Historicamente, a mulher negra foi concebida restritamente como fonte de prazer exacerbado, e esse estereótipo, perdura até os dias de hoje, como percebe a intérprete Lélia Gonzalez:

Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais, mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista: “preta pra cozinhar/ mulata pra fornicar/ e branca pra casar”. (GONZALEZ, 2018, p. 46)

A União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA), responsável pela organização e edição da coletânea “Primavera para as rosas negras”, destaca que entre todas as caracterizações que se pode atribuir à Lélia Gonzalez, é a de uma *intérprete*. Isso porque há uma ideia de Brasil construída anteriormente e que na década de 1970 é questionada de diversas formas pelo movimento negro, que empreende um embate e é crítico a essa percepção de nação. Lélia, propõe assim, nos indicar outra interpretação para nossa formação social, considerando o lugar que estruturalmente o sujeito negro foi colocado, sendo os brancos “os únicos produtores de um conhecimento válido e universal”.

Segundo Lélia, a mulher preta foi objetificada, hipersexualizada, tendo sua subjetividade aniquilada, sujeitando-a aos moldes e parâmetros impostos pela fantasia da branquitude. Ao trazer o debate sobre a hipersexualização e objetificação da mulher negra, situam-se os múltiplos espaços da sociedade que naturalizam tais práticas violentas e preconceituosas, e não há a possibilidade de

falar sobre o referido tema sem trazer à tona o período escravista brasileiro, tendo em vista que, ali se dão as primeiras relações de opressão. A mulher negra tem sido silenciada a alguns séculos, inclusive sendo limitada ao uso do seu corpo, sofrendo a interferência de discursos misóginos, punitivos e privativos dos seus desejos sexuais.

Heloísa Toller Gomes (2004) percebe que há um elemento que liga a negritude ao afirmar que: “A escrita (da mulher) negra é construtora de pontes. Entre o passado e o presente, pois têm traduzido, atualizado e transmutado em produção cultural o saber e a experiência de mulheres através das gerações.” Diante disso, é significativo o encontro com outra “semelhante”. Percebe-se que há uma ponte entre o passado e o presente, que (re)conecta essas mulheres negras, uma à outra, essencialmente no resgate de reminiscências, e memórias individuais que buscam recompor uma memória coletiva que foi, mais do que tudo, retaliada e dilacerada.

A trama homoafetiva entre duas mulheres, aparentemente, iguais, conduz ao questionamento: “o amor se guarda só na ponta de um falo, ou nasce também, dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para a outra?”. Luamanda, neste momento, encontra-se dividida entre dois paralelos: o prazer sexual, que o homem manifestava em seu corpo lunar, a “falta do encaixe, do membro que completava”, por outro lado, o afeto, “um doce e feminino carinho”, que somente sua igual lhe ofertará. Dado isso, surge então possibilidade de pensar a bissexualidade como afirmação de uma identidade possível e legítima, tendo em vista as diversas formas que a sexualidade tem de se expressar.

Ao chegarmos a essa conclusão, podemos fazer o link com o extremo preconceito referente à bissexualidade na bandeira LGBTQIA+, mesmo dentro do próprio movimento. Digo isto, pois o ponto central das críticas à bissexualidade, dentro dos discursos heteronormativos, homofóbicos e misóginos, é que a possibilidade de pessoas bissexuais se relacionarem com ambos os sexos, torna o movimento LGBTQIA+ banalizado, indefinido e incapaz de se erguer na luta por uma livre expressão da sexualidade. Todavia, é exatamente esse o conceito de “bissexualidade”: sentir-se atraído sexualmente por ambos os sexos, não apenas em fantasias, mas na prática.

Camila Dias Calvalcanti (2010), considera que pensar a bissexualidade é “problematizar a naturalidade que durante muito tempo aprisionou os indivíduos em categorias e classificações como forma de controlar a sua sexualidade, reprodução e outras maneiras de controle social”. Notemos que há uma pluralidade de desejos em “Luamanda”, portanto, a possibilidade de se relacionar com ambos os sexos não faz da

bissexualidade uma prática menos legítima, ou mesmo de Luamanda uma mulher estritamente bissexual. Ao contrário, demonstra o quanto nossas vivências são individuais e nossas experiências são diversas e plurais.

Conceição Evaristo, em *Poemas da recordação e outros movimentos*, publicado em 2008, apresenta em verso alguns elementos semelhantes aos encontrados no conto Luamanda:

... A noite não adormece  
 Nos olhos das mulheres  
 A Lua fêmea, semelhante nossa  
 Em vigília atenta vigia  
 A nossa memória...

...A noite não adormece  
 Nos olhos das mulheres  
 Vaginas abertas  
 Retêm e expulsam a vida  
 Onde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
 E outras meninas luas  
 Afastam delas e de nós  
 Os nossos cálices de lágrimas...”  
 (EVARISTO, 2008, p. 21)

Ao levantar a afirmação “a noite não adormece nos olhos das mulheres”, Conceição Evaristo usa de sua escrita como forma de repudiar e denunciar o estado de opressão em que viveu e ainda vivem as mulheres. O fato de a noite não adormecer nos olhos das mulheres indica que, as mulheres captadas por Evaristo não se limitam à dor da ferida colonial. Desse modo, a autora mostra a imagem de mulheres como geradoras da vida, que resistem pacientemente ao longo do tempo.

A poeticidade do trecho “não adormecem nos olhos das mulheres”, afirma a capacidade de mulheres negras resistir aos percalços da vida, já que a resistência é uma característica dos povos da diáspora. Portanto, considerando o nome da personagem do conto “Luamanda”, e agora, no poema posto acima, o símbolo feminino da “lua fêmea”, que compreende em si a ideia mística da periodicidade e da renovação pelos ciclos lunares, assim como os ciclos da mulher, é mister reconhecer que, Evaristo propõe uma “reexistência” da personagem negra, através de simbologias, em movimento de resistência, emancipação e empoderamento.

A narrativa registra que, “[t]antos foram os amores na vida de Luamanda que sempre um chamava mais um.” (EVARISTO, 2016, p. 62). Nesse trecho, fica exposto que a liberdade que ela assumia de si, e as diversas temporadas de relações que tivera, as

boas lembranças e prazeres, e o desprazer também, surgiram naturalmente na vida da personagem, conduzindo-a à maturidade:

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. (EVARISTO, 2016, p. 62)

Brutalmente agredida por um “desesperado homem”, a personagem sofre agressão física e “pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva”. Luamanda, onde fazia-se lua cheia de prazer, teve seu órgão sexual violentado, motivada por uma dificuldade do homem de lidar com o sentimento de perda. Esse episódio denuncia o ideal de que a mulher é propriedade do homem, conceito enraizado no discurso machista. É notório perceber, que foi para Luamanda, um episódio traumático, conforme indica o trecho a seguir:

Era preciso convencer-se na sua floresta espessa e negra de que o prazer era uma via retornável, de que o gozo ainda era possível. O amor comporta variantes sentimentos? (EVARISTO, 2016, p. 63)

Pierre Bourdieu (2005) traz uma reflexão a respeito da violência simbólica no que toca à mulher na sociedade patriarcal. Esta violência estrutural está intimamente ligada e transfigurada sob a forma de uma ordem natural que justifica a superioridade masculina e, por outro lado, as mulheres negras enquanto categorias subalternizadas socialmente, o que acaba por legitimar a violência simbólica da qual são alvo. Dizer isso significa concluir que, o homem sente sua masculinidade ameaçada, e se vê impelido a prová-la a todo custo.

Reginaldo Prandi (2001) em *Mitologia Dos Orixás*, propôs na obra juntar e organizar os mitos africanos e afro-americanos, a fim de trazer transcrições de mitos iorubanos. Dentre eles, temos “Oxum seduz Iansã”:

Uma vez Oxum passou pela casa de Iansã e a viu na porta.  
Ela era linda, atraente, elegante.  
Oxum então pensou: “Vou me deitar com ela”.  
Oxum era muito decidida e muito independente.  
Oxum resolveu roubar a coroa de Iansã.  
E assim, muitas e muitas vezes, passou na frente daquela casa.  
Levava uma quartinha de água na cabeça,  
E ia cantando, dançando, provocando.  
No começo, Iansã não se deu conta do assédio,  
Mas depois acabou por se entregar.  
Mas logo Oxum se dispôs a nova conquista  
E Iansã a procurou para castigá-la.  
Oxum teve de fugir para dentro do rio,

lá se escondeu e lá vive até hoje.  
(PRANDI, 2001, p. 325)

No itan<sup>3</sup> ora apresentado, entende-se o encontro do amor entre mulheres com as divindades de Oxum e de Iansã, e que mostram, também, a revolta de Iansã, ao notar a busca de Oxum por uma nova conquista, tendo então que Oxum se esconder em um rio, vivendo lá até hoje. Posto isso, o itan oportuniza refletir a heterossexualização cisnormativa que os discursos da colonialidade tem imposto desde a diáspora, impactos que foram refletidos ficcionalmente na trajetória de vida de Luamanda.

Há uma semelhança entre Luamanda e Oxum: Oxum nos fala de um “arquetipo” feminino que usa a sedução como um instrumento de guerra. Nela se consubstancia a imagem da mulher sedutora; daquela que negocia o seu afeto e cuja sensualidade é o motivo do seu sucesso e de suas travessuras. Da mesma forma se mostra Luamanda, mulher independente, de uma beleza perceptível constatada por Evaristo. A sedução, para ambas mostra-se familiar. Em comum a isso, à afirmação da liberdade em serem livres dos padrões de gênero. Oxum e Luamanda são representações de seres que buscam por conexões, sendo elas revolucionárias dispostas a enfrentar os conflitos. Dessa forma, é significativo pensarmos o itan como um mito lésbico da ancestralidade da mulher negra, de forma que possamos pensar outras e novas experiências afetivas, como anseia Luamanda, e não somente as existentes e calcadas no viés da heterossexualidade compulsória.

Vejamos que há uma tomada de consciência de Luamanda após as agressões que fora submetida, que acaba resultando em um processo de (re)construção de si: “Foi um tempo em que precisou exercitar a paciência com o seu próprio corpo.” (EVARISTO, 2016, p. 63). A opressão e agressão, resultando na violência doméstica sofrida pelas mulheres, tem crescido significativamente, e segundo o Atlas da Violência de 2019, levantados pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), foram realizados 266.310 registros policiais de lesão corporal dolosa (agressão física em ambiente familiar) contra as mulheres, e vale ressaltar, que dentro deste número, não está contabilizado o grande número de mulheres que por ameaças, deixa de denunciar as agressões sofridas. Conceição Evaristo busca retratar a condição feminina negra na sociedade, de forma

---

<sup>3</sup> Itan (nome singular e plural) é o termo em iorubá para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais dos iorubás. Os iorubás que aceitam o itan como facto histórico é porque confiam no itan como sendo a verdade absoluta na resolução de disputas. Os itan são passados oralmente de geração a geração. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Itan>. Acesso em 10 de setembro de 2020.

realista, sendo assim, a violência, não apenas simbólica, mas também física que marca esses corpos femininos e femininos negros não poderiam ficar de lado em suas narrativas.

Luamanda, tendo vivido tais episódios entre “encontro e desencontros”, passa agora por aprendizagens, que segundo a autora, enlaça-a “por dentro e fora do corpo”, pois a própria construção do corpo, como vimos, organiza-se paulatinamente. Há uma lucidez acerca da liberdade corpórea, que neste contexto, recai como símbolo de resistência, pois como ressaltado, “não se envergonhava de seu narcisismo. Era com ele que ela compunha e recompunha toda a sua dignidade”. A respeito disso Grada Kilomba acrescenta dizendo que:

Escrever sobre o próprio corpo e explorar os significados do corpo pode, obviamente, ser visto como um ato de narcisismo ou de essencialismo, escreve Felly Nkweto Simmonds (1997). Ela conclui, contudo, que essa é uma estratégia importante usada por mulheres africanas e afrodiaspóricas para desconstruir sua posição. (KILOMBA, 2019, p. 63)

Luamanda vive experiências que se escrevem no seu corpo psíquico. Isso a conduz à maturidade e a cicatrização da violência que sofreu. Ao retomarmos a prática impetuosa que foi a escravidão, veremos que as mulheres negras que foram escravizadas passaram por um contexto que resultou em lacunas, refiro-me a esses “espaços” que foram se formando para as mulheres negras, considerando o grande acúmulo de perdas, seja em nível racial, social ou sexual, e que recaem inclusive nos dias de hoje.

Assim a corporeidade de mulheres negras por meio de suas ações e discursos, demonstram a sua capacidade de estar no mundo. Seu corpo vivido, a experiência, juntamente com sua memória corporal possibilita sua contínua relação de liberdade com o seu corpo, seu pensamento, com a sua vida. Neste contexto, Luamanda mingua e renasce. E conforme as fases existentes da lua, assim é ela, uma nova mulher. Torna-se viajante por corpos, mas já não é a mesma viajante, pois cada viagem resulta em uma nova fase. Todos os dias, nos recriamos, nos ressignificamos, pois somos Luamandas, somos inúmeras e lutamos pela igualdade de gênero sem a prescrição de como devemos ser impostas diariamente pela sociedade em que estamos inseridas. Pensando nisso, Evaristo assume a voz de uma intelectual negra, que rompe com paradigmas, resultando em um passo a mais a extensa jornada à igualdade social, neste caso, principalmente, a equidade de gênero.

## 2. “BEIJO NA FACE”: DO CASULO À METAMORFOSE

Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas.

Bell hooks.

“Beijo na face”, de Conceição Evaristo, tem como personagem principal Salinda. Mulher negra, mãe de dois filhos, casada com um homem abusivo – motivo pelo qual o casamento já não ia bem como antes era – o que pode inclusive, ter sido a janela para a possibilidade do amor que ela encontra no decorrer da narrativa: “Salinda tombou suavemente o rosto e com as mãos em concha colheu, pela milésima vez, a sensação impregnada do beijo em sua face” (EVARISTO, 2016, p. 51). No conto em evidência, Evaristo não apenas dá voz a Salinda, uma mulher negra que se vê apaixonada por outra mulher, também negra, a autora expressa o processo de formação identitária da personagem que foi colonizada pela violência patriarcal.

No decorrer desta pesquisa, pude constatar que parte significativa da narrativa (em terceira pessoa com discurso indireto livre), possui palavras que simbolizam o afeto que para ela, vítima do racismo e do sexismo, se mostrava distante, por isso julgo ser significativo o chamamento de Salinda para o novo amor, que mais tarde irá despertá-la para uma nova realidade. Ao sentir-se amada por outro alguém, Salinda encontra reciprocidade, o que é importante para o contexto afro-brasileiro em que há um evidente preterimento da mulher de cor, com relação às outras mulheres, portanto, para as mulheres negras, como alerta bell hooks, o amor é ainda mais inalcançável: “[q]uando eu era criança, percebia que [...] o amor era visto pelos adultos como um luxo. A luta pela sobrevivência era mais importante do que o amor” (HOOKS, 2000, p.). Desse modo, quando Salinda encontra o amor que a faz despertar em seu eu a sensibilidade e afabilidade, fica marcada pelo desejo de senti-lo e fazê-lo presente em sua vida.

Evaristo nos possibilita interpretar um símbolo representativo para a indivíduos subalternos no trecho a seguir:

Algo tão tênue, como os restos de uma asa amarela, de uma borboleta-menina, que foi atropelada nos primeiros instantes de seu inaugural voo. (EVARISTO, 2016, p. 51).

O símbolo “borboleta” na referência acima, não ocorre por coincidência. Na psicanálise a borboleta é um símbolo de renascimento, e é considerada um marco de leveza e de inconstância, de transformação e de um novo começo. Vejamos a interpretação abstraída por Jean Chevalier:

O homem, dizem eles, segue, da vida à morte, o ciclo da borboleta: ele é, na sua infância, uma pequena lagarta, uma grande lagarta na sua maturidade; ele se transforma em crisálida na sua velhice; seu túmulo é o casulo de onde sai a sua alma que voa sob a forma de uma borboleta; a postura de ovos dessa borboleta é a expressão de sua reencarnação (FOVA). Do mesmo modo a psicanálise moderna vê na borboleta um símbolo de renascimento” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, P. 139).

Ao encontrar o desprezioso amor vindo de sua igual, Salinda ressurgiu para um novo ciclo, assim como a borboleta. Gilbert Durand, citado na obra *Dicionário de Símbolos*, considera que o símbolo “possui algo mais que um sentido artificialmente dado, detendo um essencial e espontâneo poder de ressonância” (apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. XVII). Pensando nisso, não há outro animal que passe por uma metamorfose tão intensa e completa, sendo também para a cultura LGBTQIA+ símbolo referencial, pois expressa a transformação e a metamorfose que é sujeitada o indivíduo homossexual. A borboleta necessita antes de sua metamorfose, do processo de transformação de larva em casulo. Casulo neste contexto, realiza-se de forma significativa, pois ele recai como proteção até o momento de sua emancipação, suportando a todas as transformações, sozinho, calado, até a sua corpulenta libertação, liberdade de um ser que surge radiante, assim ocorre com a “borboleta-menina”, conforme aponta Evaristo em relação a Salinda.

Quando Salinda encontra o potencial amor, inicia-se então uma aprendizagem nesse novo ciclo, pois apesar de não dar vida ao sentimento que agora sentira, ele “se fortalecia na espera do amanhã” (EVARISTO, 2016, p. 51). Amor esse, que se fazia imensidão, mas somente dentro de si:

Por um repetir constante do *eu te amo*, declaração feita, muitas vezes, em voz silenciosa, audível somente para dentro, fazendo com que o eco dessa fala expandisse no interior mesmo do próprio declarante. (EVARISTO, 2016, p. 52)

Para pessoas negras o amor sempre foi um problema, que decorre da ausência de reciprocidade em relação aos afrodescendentes. Por outro lado, foi também símbolo de resistência, e estratégia de sobrevivência. Os processos coloniais e pós-coloniais construíram na realidade do povo negro a negação ao afeto, e tivemos que abdicar do ato de amar, ou mesmo de ser amado. bell hooks no ensaio *Vivendo de amor* considera a distância do amor para pessoas negras, dizendo que:

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar (HOOKS, 2010, p. 1).

A arte de amar e ser amado, para pessoas negras, é um processo de aceitação e autoaceitação, é sobre (re)construir nossa autoestima, que por muitas vezes é doloroso, mas é também, libertador. Portanto, assim como para Salinda o “eu te amo” constitui em si, uma sensação de abrandamento, para nós negros e negras, não é diferente, pois o poder de ser amado, de ter tal sentimento, é humanizador e reconciliador. O afeto recai para nós, como revolução. O afeto é revolucionário.

As declarações de “eu te amo” – por uma escolha amorosa não convencional, não poderão ser gritadas como estava acostumada. Salinda passa a defrontar-se com o maior dos pesadelos vivenciados por homossexuais no universo heteronormativo, o amor em silêncio:

E por que não gritar, não pinchar pelos muros, não expor em outdoor a grandeza do sentimento? Não, não era a ostentação que aquele amor pedia. O amor pedia o direito de amar, somente. (EVARISTO, 2016, p. 52)

Salinda, ao esboçar inquietação, reflete a vivência que muitas mulheres lésbicas experienciam. Isso porque, em nossa sociedade, já está delineado quais são os casais que podem (sendo esses cisheteronormativos), sem serem vítimas de opressões e agressões físicas e simbólicas, exibir seu amor em praça pública, o que nos comprova empiricamente que o preconceito e a invisibilidade lésbica estão engendrados ideologicamente na sociedade.

Com o passar dos anos, gays, lésbicas e bissexuais, ganharam visibilidade no meio social burguês, sobretudo, a partir das políticas para reivindicar direitos humanos.

Partindo deste pressuposto, a homofobia é uma violação do direito humano, que visa repelir a liberdade de expressão da singularidade humana, revelando-se um comportamento altamente discriminatório. O Brasil, apesar de ser o país que mais mata LGBTQIA+, não prevê em sua constituição federal uma lei evidente que criminalize o sujeito que venha a cometer crimes como tais. Sendo assim, o STF determina que a discriminação contra pessoas LGBTQIA+ seja enquadrada nos crimes previstos na Lei Nº 7.716/1989 (Lei do Racismo). Com isso, houve um avanço nas políticas que promoveram indivíduos homoafetivos, ao reconhecer a sua cidadania. Entretanto a questão ainda figura como um tabu, pois gays, lésbicas e bissexuais ainda são coagidos a manter seus relacionamentos afetivos na clandestinidade, como ocorre com Salinda.

Posto isso, podemos concluir que a invisibilidade lésbica é um arcabouço ideológico tão poderoso que faz com que as próprias vítimas não tenham conhecimento de seus direitos, tornando-as, portanto, sujeitos destituídas de direitos, coagindo-as devido ao receio de serem brutalmente violentadas, a expressarem seu afeto e sexualidade, quiçá, nos âmbitos privados de suas casas. Salinda encontra-se no mesmo contexto que muitas mulheres lésbicas. Constatar isso, me lembra o slogan tido pelo MNU (Movimento Negro Unificado): “Beije sua preta em praça pública”, que refere-se exatamente aos diversos discursos discriminatórios de nossa sociedade, privando as muitas Salindas entre nós, de expressar seus afetos.

Tudo isso se intensifica, pois Salinda se encontra inserida em um relacionamento abusivo:

A vigilância sobre os seus passos pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos. Ela que até então fora sempre distraída, teve de aprender a prestar atenção a tudo e a todos. A mulher ou homem que estivesse assentado ao seu lado no ônibus poderia ser o detetive particular que o seu marido tinha contratado para segui-la. (EVARISTO, 2016, p. 52)

As produções literárias de Conceição Evaristo se destacam pela forma poética com que a autora representa a crueldade do cotidiano dos subalternos. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2011) o misto de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, mostram o comprometimento e identificação de uma intelectual afrodescendente com os seus semelhantes, que estão sempre postos à margem do desenvolvimento social e humano. Diante disso, Evaristo insere na narrativa, traços de um relacionamento abusivo, onde se dá por meio do controle à Salinda, tornando-a culpada e indefesa em relação a ele, resultando em uma relação de dominador e dominado, sendo essa relação a base do

patriarcalismo. Esse fenômeno que se manifesta de diferentes formas, sendo elas físicas, moral, psicológica, sexual e patrimonial, acaba por configurar uma violação dos direitos à vida, à saúde, à integridade física e à liberdade. Partindo desse pressuposto, a violência contra as mulheres é impregnada pela ideologia da dominação e controle masculino. Beauvoir (2009) acerca dessa relação de dominação, nos traz uma reflexão fundamental, segundo ela, a relação que os homens mantêm com as mulheres seria de: submissão e dominação, pois os homens as veem e as querem como objeto.

Dado isso, emerge o fundamental papel do movimento feminista, que no Brasil, começou a dar seus primeiros passos em meados do século XIX até início do século XX, por influência do movimento sufragista tendo como objetivo a luta pelo direito ao voto. O feminismo parte de um discurso liberatório, que visa, sobretudo, findar a dominação de corpos estruturalmente à margem, pois a própria história da mulher na humanidade é retratada a partir de uma óptica opressora, pois interpretada por homens. Djamilia Ribeiro ao refletir essa problemática, entende que “de modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem” (RIBEIRO, 2017, P. 35), em função de uma sociedade patriarcal, misógina, machista e sexista.

Conforme apontado no conto “Luamanda”, há duas violências aqui identificadas como marcas evidentes em corpos negros: a agressão física e simbólica. Bourdieu (2005), referente às práticas simbólicas diz que quando “os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida cotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação [...] da definição dominante de sua identidade [...]” (BOURDIEU, 2005, p. 124). Neste sentido Bourdieu presume que, sendo um processo em que o indivíduo não tem mais consciência, ele acaba por naturalizar o fato, o que ocorre com Salinda, pois ela “vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele”, mas devido às inúmeras ameaças que o marido fizera, o medo impede que Salinda rompa com a relação. Essa manipulação a que é submetida pelo marido de Salinda, é também ferramenta em diversos relacionamentos, o que mostra ser uma estratégia eficaz de aprisionamento de muitas mulheres.

Devemos considerar que, as pautas mencionadas acima, que fazem parte do *corpus* crítico do movimento feminista liderado por mulheres brancas, convergem, neste ponto, com a teoria do feminismo negro. Digo isso, pois de um modo geral, ambos os movimentos divergem em alguns pontos.

O feminismo negro começou a ganhar força a partir da segunda onda do feminismo universal, entre 1960 e 1980, que foi então, quando as mulheres racializadas

perceberam a ausência e a negligência de suas pautas no movimento feminista branco. A respeito disso, Djamilia Ribeiro (2018, p. 06), afirma dizendo que “pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos.”, isso porque a mulher negra, não é pensada e nem considerada no movimento que se diz universal. Historicamente, a mulher negra foi colocada em uma posição aquém da mulher branca, essa subalternização, deve-se ao fato de que além de mulher, é também negra, constituindo assim, o “racismo genderizado”, conforme vai observar Grada Kilomba em sua obra *Memórias de Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano*:

Nesse sentido, o impacto simultâneo da opressão “racial” e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas. Suas manifestações, explica Philomena Essed, se sobrepõem a algumas formas de sexismo contra mulheres *brancas* e racismo contra homens *negros*. Portanto, é útil falar de *racismo* genderizado (Essed, 1991, p. 30) para se referir à opressão racial sofrida por mulheres negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero.

Grada Kilomba aponta que, o encontro de “raça” e gênero são inseparáveis, pois a construção de uma opressão, leva, simultaneamente, à construção de outra opressão. Por isso a necessidade de pensar o racismo dentro da teoria feminista, pois conforme ponderou bell hooks (1992), “a teoria feminista teria muito para oferecer se apresentasse às mulheres a ligação imutável entre o racismo e o sexismo, em vez de opor uma luta à outra ou de descartar descaradamente o racismo”. Portanto, é imprescindível que se considere o feminismo negro como uma epistemologia legítima, que não traz uma cisão, mas sim oportuniza nomear diferentes problemas que irão quebrar a hierarquia de preconceitos e abarcar as mais diversas individualidades, considerando a pluralidade das mulheres, ou melhor, as mulheridades, e romper com o conceito de universalidade, que tende somente a segregar sujeitos, afinal, o que nos irmana é nossa mulheridade; aquilo que nos enlaça em pertença, que mesmo diante da diversidade, ainda assim temos em comum.

Em meio ao caos em que se encontrava Salinda, surgia também calorosas alegrias. Momentos em que ela, enfim, compartilhava de afeto com o seu secreto amor. E assim como era a alegria de tais momentos, era o lugar em que se encontravam, Chã de Alegria, onde tia Vandú vivia, e recolhia sua sobrinha Salinda para os encontros em que à afastava de sua realidade:

Salinda, no quarto destinado a ela, podia se dar, receber, se ter e ser para ela mesma e para mais alguém. Tia Vandu era guardiã do novo e secreto amor de Salinda. (EVARISTO, 2016, p. 53)

Tia Vandu era para Salinda, além de guardiã, era também o seu principal e único acolhimento. Há uma grande resistência por parte da família, de aceitar uma sexualidade não normativa, neste caso em específico, a lesbianidade. Ao se tratar de lesbofobia, sua ação muitas vezes ocorre dentro da própria casa e é praticada em primeira instância por familiares próximos. Essa é uma das razões pelas quais, durante muito tempo, essa temática repousou no silêncio e na invisibilidade.

Nunan (2003) considera que, se o sujeito assumir a sua homossexualidade, estará em uma linha tênue entre resistir à possibilidade de ser rejeitada, discriminada e marginalizada, ou continuar mantendo em segredo a sua orientação sexual, confrontando-se com o isolamento e falta de apoio. É nesse contexto que as mulheres lésbicas se encontram, entre uma verdadeira intersecção de opressões, na medida em que o ser mulher, por si só, já traz uma carga de inferiorização. Kimberlé Crenshaw, em sua tese de doutorado, disserta dizendo que a “interseccionalidade” é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e, portanto, emerge como um instrumento de luta política, Crenshaw ao conceituar diz que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Portanto, assim como o caso de Salinda, é também o de tantas mulheres que fogem da heteronormatividade, caracterizando então, uma interseccionalidade de opressões, isto é, violências que estão entrelaçadas e se forjam umas nas outras e que marginalizam estas pessoas por fugirem do padrão homem/cis/hetero/branco. Vale ressaltar que conforme alertou Djamila Ribeiro (2016), pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. Deste modo, é necessário que não se pense as opressões de forma isolada, sendo assim, indissociáveis.

A partir disso, instala-se então, momentos assombrosos na vida de Salinda. Após a ausência do marido em sua casa, ela passa a desconfiar que talvez ele já soubesse de tudo. É quando então, lembra de sua ida ao circo em Chã de Alegria:

Naquele dia, quem se apresentava era uma mulher. Salinda vigiou os passos cambaleantes da moça tentando se aprumar sobre um tãõ fino e quase imperceptível fio. Ela sabia que, qualquer passo em falso, a mulher estaria chamando a morte. (EVARISTO, 2016, p. 56)

Tal como era a situação da equilibrista, Salinda reconhece que poderá ser a sua também. Mediante o caos em que se instalava, a esperança tinha que ser literalmente funâmbula, acrobata. Pois, apesar de Salinda reconhecer a situação arriscada em que vive, assim como a equilibrista, cada vez que encontra sua amada, a protagonista recobra as forças. Diante disso, ela busca escapar do relacionamento abusivo e encontrar também na personagem da equilibrista do circo, uma motivação para buscar esta liberdade, subvertendo, ainda, o seu contexto como forma de resistência contra o silêncio e poder dominante que se faz o patriarcado.

Gayatri. C. Spivak (2010) ao refletir a posição de sujeitos racializados, questiona dizendo “Pode o Subalterno falar?”, respondendo, “não”. Quando Spivak refere-se ao poder de falar, não é propriamente ao mecanismo “fala” em si. E sim, às poucas oportunidades que a nós são dadas, me refiro aos sujeitos que se encontram na camada mais baixa da sociedade, em razão do racismo. Deste modo, Evaristo através de suas escritas, coloca a mulher negra no centro, como sujeito potente de voz. Pois se a condição negra é estar no lixo, é não ter qualidades, o que nos resta? “O lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 2018, p. 193).

Essa construção e/ou subalternização da mulher negra, se deu também, na literatura brasileira, onde podemos constatar textos canônicos brasileiros, tais como *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado entre outros. Esse discurso literário estereotipado é questionado e rasurado por uma produção literária de autoria negra, a exemplo de, Conceição Evaristo. As mulheres negras deixam, então, de serem objeto da representação de um outro para ser simultaneamente sujeito e objeto da escrita literária. Diante disso, a literatura de Evaristo, se escreve como processo legítimo para a desconstrução do que foi ao longo do tempo incorporada a nós, mulheres negras, e suas escritas passam a se firmarem, também, como meio para o autorreconhecimento da mulher negra. Sobre autorreconhecimento, Salinda acaba por apreender muito; posterior à sua relação conjugal, onde identificamos o abuso obsessivo de um brutal homem, Salinda, enfim, experimentou a sensação do novo amor, que trouxe à ela experiências de conhecer-se, por conseguinte, conhecer o outro:

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. (EVARISTO, 2016, p.57)

A simbologia do “espelho” utilizada por Evaristo, não é raro em seus escritos. Sobre espelho, no Dicionário de simbologia, Manfred Lurker (2003, p. 237) diz que “ao observar paciente e fiel o espelho revela mais do que apenas o aspecto exterior; mostra-lhe sua natureza interior”. Deste modo, o espelho recai para Salinda, como forma de contemplar-se e dialogar com seu eu interior, buscando também, a ressignificação e construção de sua identidade como mulher negra, pois o espelho permite contemplação, percepção e reconhecimento, e é através dele, que ao se contemplar, encontra a sua igual, o outro, sua visão complementar.

Relembrando à autêntica semelhança entre Oxum e Luamanda no primeiro conto estudado, temos aqui forte evidência também, entre Oxum e Salinda: Oxum carrega consigo o espelho como representação, sendo este, símbolo de autorreconhecimento como percebemos. Oxum ensina a dança das águas, do acolhimento, do amor, das emoções, dos relacionamentos. O espelho de Oxum é convite para olhar para si, para melhor se conhecer, posterior, se conhecer nessa imagem projetada (PRANDI, 2003, p. 324). Os olhares para nós, que vão construir nossos próprios olhares sobre nós, estão profundamente preenchidos, moldados pelo sistema colonial (GONZALEZ, 1988<sup>a</sup>, LUGONES, 2014). Desse modo, podemos inferir o espelho como meio para o autorreconhecimento de Salinda, pois a personagem foi capaz de ressignificar suas vivências em um resgate de si. Posto isso, ao Salinda demonstrar resistência e reconstrução diante dessas noções coloniais, o espelho mostra-se instrumento fundamental para a regressão de si, bem como o espelho de Oxum, potencial possibilidade de resgate ancestral, um espaço de (re)conhecimento de si.

É fundamental observarmos o modo como Evaristo constrói as representações da afetividade a partir da valorização das mulheres negras enquanto sujeitos femininos, isso não somente às protagonistas, e sim, a todas as representações femininas. Desse modo, podemos afirmar, com base nas noções acima discutidas, que as vivências compartilhadas pelas mulheres negras resultam num poder de fortalecimento das relações de afetividades, geralmente expressas através de solidariedade, cooperação e cumplicidade etc. Isso se

mostra evidente no trecho acima, pois, temos, enfim, a realização de uma troca lesboafetiva e afroafetiva: duas mulheres negras e lésbicas que ao se verem uma na outra, presenteiam-se de afeto. Este momento do conto, onde Salinda afirma a veracidade de seu sentimento por outra mulher, é essencial, pois o afeto entre pessoas negras, é também um processo de aceitar-se digno e digna de tal sentimento. Ao pensarmos esse contexto para uma mulher negra e lésbica, tende a ser ainda mais sensível, pois somos vítimas da invisibilidade ocasionada por fenômenos de opressões. Dar-se-á então, as dificuldades de ser, simultaneamente, mulher, negra e lésbica. Sobre a importância do amor para essas pessoas, bell hooks questiona:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 2010, p. 12)

Ao chegarmos ao fim do estudo deste conto, temos a confirmação de que, o afeto cura as feridas deixadas pela violência patriarcal e pelo colonialismo branco. Tal afirmação, mostra-se verdadeiro no próprio cenário de Salinda, pois mesmo em meio às violências que se perpetuaram ao longo da narrativa, ao deparar-se com sua igual, “o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer”. Assim como Salinda, quando uma mulher negra e lésbica toma consciência do amor que ela merece, se amar e ser amada resulta em um processo de afeto, de irmandade, de autoimagem, de autorreconhecimento. Pois ao vivenciar esse amor de si, e para o outro, é que finalmente percebemos a importância desta troca, em simultâneo a isso, reconhecer as nossas dores e encontrar no amor, outras formas de curá-las.



### 3. “ISALTINA CAMPO BELO”: O AFETO CURA

Dentro da comunidade lésbica eu sou Negra, e dentro da comunidade Negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são Negros. Não há hierarquias de opressão.

Audre Lorde.

“Isaltina Campo Belo” é nome da personagem e do conto, presente em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Nesse conto, permito-me retomar ao projeto de escrevivência tido por Evaristo, pois é dentro dessa noção que a autora e personagem, ambas negras e mulheres, assumem o protagonismo enunciativo. Mulher negra, cabelos curtos em estilo *black power*, e com uma idade que não correspondia ao rosto negro que ela tinha, “sem quaisquer vestígios de rugas”. O conto se inicia narrando a chegada de Evaristo na casa de Campo Belo (assim irei referir-me a ela, confirmado pela escritora, ser sua preferência de chamamento), que calorosamente a recebeu com um abraço:

E soltamos uma boa gargalhada como se fôssemos antigas e íntimas companheiras. A sonoridade de nossos risos, como cócegas no meu corpo, me dava mais motivos de gargalhar e creio que a ela também. (EVARISTO, 2016, p. 55)

Os sorrisos que retribuíram uma à outra, não foram por acaso. Há sobretudo, uma reciprocidade constante na ocasião em que as duas se encontraram: “ela me agradeceu pelo fato de eu ter passado na casa dela para colher a sua história: “[e]ra uma honra, uma honra! – repetia pausadamente – sempre inquieta a me olhar” (EVARISTO, 2019, p. 55). Isso porque, a jornada das mulheres negras é rica de força, de superação e de coletividade. Portanto, ao identificar suas vivências, ou mesmo, seus traços negroides no outro, negros

sorriem, porque, efetivamente, negros lábios começaram a narrar as próprias histórias, abrindo mão do papel de objeto representativo, e emergindo para a auto-representação, sendo isso o que verdadeiramente faz Evaristo ao criar uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra*, que se descreve a partir de uma subjetividade do “ser mulher” em uma sociedade brasileira.

Ainda sobre reciprocidade, em comum a isso temos a representatividade, sendo ambos necessários para que possamos entender a sua importância para a construção de nossa identidade enquanto negros e negras, pois ele pode ser um processo extremamente doloroso, uma vez que os modelos ditos positivos da identidade negra são pouco divulgados, se comparados aos modelos de pessoas brancas. Neusa Santos Souza (1983) ao tratar sobre as vicissitudes da identidade do povo negro, diz que,

A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro é um pensamento que se autor-restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade (SOUZA, 1983, p. 10).

Na mesma obra do supracitado Neusa Santos Souza reflete a questão de *saber-se negro*, que não se refere apenas ao tom da pele, mas à consideração desse traço na experiência com o outro. Portanto, ser negro no Brasil não é uma questão simplesmente “dada”, e sim, uma construção da trajetória de um sujeito, também chamada de negritude, sendo essa construção desempenhada, sobretudo, entre sujeitos negros. Daí a importância em se identificar com o outro igual; assim como Campo Belo, muitas mulheres negras da diáspora ao se encontrarem com pessoas negras, até mesmo desconhecidas, é natural que os olhares se entrecruzem. Há nesse encontro, como já identificado, um atravessamento de dores que somente mulheres negras reconhecem.

Vilma Piedade (2017), acerca de “dores”, cunha um termo que expressa com veemência os cenários dessas mulheres negras: *dororidade*. O termo surge das intercessões de opressões, em um momento que a Sororidade já não dialogava inteiramente com essas mulheres negras cujas pautas eram sempre postergadas.

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seu significado, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E

o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra classe. Sai a sororidade e entra Dororidade. (PIEDADE, 2017, p. 46)

O conceito filosófico cunhado por Piedade, não deslegitima o termo “sororidade”, e sim, abrange a gama de conceitos, para que as opressões vivenciadas por mulheres negras, sejam identificadas, analisadas, e sobretudo, (re)pensadas nessa perspectiva. Portanto, as narrativas de mulheres negras, resumem-se em dororidade, pois são cercadas por histórias e lembranças que foram ao logo do tempo, dilaceradas em razão do racismo, que ocasionou e ocasiona feridas que não se fecham e que doem diariamente. A dororidade, é então, uma dor interseccionalizada que contempla esses corpos femininos negros marcados por essas dores, corpos esses que se fazem presente nas narrativas de Conceição Evaristo.

Ao retomarmos o conto aqui estudado, é de suma importância que vejamos a essência das obras de Evaristo. Conforme pude evidenciar, há uma inquestionável intersecção de raça, gênero, classe, sexualidade etc., pois a escritora consegue representar mulheres que, em detrimento de sua cor, corpos, sentimentos e desejos, são cotidianamente humilhadas, obrigadas a se encaixarem em categorias identitárias não pertencentes, violadas, agredidas e até mesmo assassinadas. Todavia, em um processo altamente estilístico, Evaristo retrata essas personagens para além de suas feridas; são sujeitos plenos de complexidade, livres de associações à debilidade, e grande exemplo disso, é o conto *Isaltina Campo Belo*. Campo Belo narra sobretudo, como experienciou e superou os papéis sociais de gênero. Quando expõe o fato de sentir-se um menino, ter roupas e o tratamento que não correspondiam ao gênero masculino, é válido que nos questionemos se o gatilho do desconforto é gerado devido a uma rejeição ao corpo feminino, ligada à incongruência entre gênero e sexo biológico, ou uma extrema recusa à adequação aos papéis de gênero que nos são impostos como naturais desde a mais tenra infância.

Essas provocações nos são feitas, inclusive, nos fragmentos onde a protagonista demonstra desapontamento por parte de sua mãe-enfermeira, a qual adjetiva como seu algoz, por não perceber o engano de criar e tratar um menino como se fosse menina, posto que, para além da profissão de enfermeira, o que lhe fornecia maiores conhecimentos sobre o corpo humano, o papel de “mãe”, lhe participava, também, conhecer bem sua filha, portanto, não permitiria tal deslize. Seu pai era isento dessa culpa, pois além do trabalho diário ao qual prestava, socialmente, esses assuntos não lhe eram autorizados a serem tratados com filhas. Deste modo, Campo Belo não se sentia segura em revelar suas

hesitações acerca de sua identidade de gênero, ou mesmo os caminhos por onde seus desejos pendiam. Assim sendo, Conceição Evaristo traz à tona uma série de recursos narrativos que salientam as múltiplas formas de opressão vivenciada pela protagonista, por exemplo, enquanto mulher negra, terá de lidar com as exclusões e as segregações num país marcado pela figura masculina/branco, intensificado aos estereótipos e a hipersexualização de seu corpo, advinda do machismo e sexismo, e enquanto homossexual, terá de lidar com as complexidades acerca de seus desejos, e a forma cruel na qual a sociedade pensa corrigir tais sujeitos, vivenciando, assim, intrinsecamente a *interseccionalidade*.

Diante de tais circunstâncias, Campo Belo não caminhava só; tinha como companhia sua filha, Walquíria. Segundo a escritora, as duas eram semelhantes, mas ao contrário de sua mãe, Walquíria transparecia sua idade, tinha 35 anos. No desenvolvimento da narrativa, Campo Belo conta sua história, e no decorrer disso, a foto de sua filha passava por suas mãos e pelas de Evaristo, “[e], quando o retrato da moça, não estava em nossas mãos, estava em cima da mesa a nos comtemplar. Eu tive a impressão de que Campo Belo falava para a filha e não para mim” (EVARISTO, p.54). A impressão apontada por Evaristo, torna-se possibilidade, considerando que Campo Belo nunca havia contado tais fatos para ninguém. Portanto, aquele momento era de confissão não somente para Evaristo, mas também para Walquíria.

A história contada por Campo Belo, inicia-se com o seu maior conflito, “Desde menina – assim começou Campo Belo – eu me sentia diferente” (EVARISTO, 2016, p. 56). Nascida após um menino e uma menina, seus irmãos, diferentemente de muitas crianças negras, eles viveram uma infância sem muitas dificuldades. Seu pai trabalhava como pequeno funcionário na prefeitura, e sua mãe como enfermeira em um grande hospital público da cidade. Campo Belo narra que seus pais sempre fizeram questão de contar sobre a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria, e que seu pai tinha histórias dolorosas de seus antepassados, mas que depois de algum tempo, conquistaram seu próprio espaço e respeito. Confirma ela que, essa narrativa alimentava a dignidade dela e de seus irmãos. Em suma, sua infância foi feliz, diz ela, só uma coisa lhe atormentava:

Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber, tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino. (EVARISTO, 2016, p. 57)

Neste primeiro momento, Campo Belo se via como menino, nos trazendo a possibilidade de uma identidade transexual. Vale aqui ressaltar que dentro desse conflito em que se encontra Campo Belo, há uma estigmatização de mulheres lésbicas como sendo a outra figura do homem, ou seja, no imaginário social, ser lésbica significa comportar-se e assemelhar-se ao estereótipo de ser homem. Ao falarmos em “lésbicas”, o primeiro estereótipo construído é a da “masculinizada”, que se veste com roupas ditas estruturalmente masculinas, cabelos curtos, e não possuem, ou pelo menos não há tem como prioridade, a feminilidade. A concepção burguesa e androcêntrica é de que mulher faz serviço doméstico e tem filhos. Em outras palavras, é a bela, recatada e do lar, que possui um corpo frágil e suscetível ao controle e proteção do masculino. Esses fenômenos são negados por Campo Belo, pois a protagonista está sempre em movimento de fuga, uma característica estilística que opera, com vigor, no conto.

Para nossa sociedade que se mostra ainda muito homofóbica, uma mulher lésbica só pode se assumir como sendo uma, caso possua traços assemelhados aos “masculinos”, pois se performarem feminilidade, numa lógica patriarcal e machista, não podem, por hipótese alguma, serem lésbicas. Caso sejam, perdem a sua autenticidade, com agravo de que, se assumir lésbicas perante a sociedade, no pensamento preconceituoso, não contendo esses “pré-requisitos”, essa mulher estaria apenas chamando a atenção, ou provocando aos homens. Considerando que no imaginário machista o homem branco e heterossexual é o centro, obviamente, uma mulher lésbica feminina, não pode ser legitimamente homossexual.

Adiante, Campo Belo se vê incompreendida, sobretudo por sua mãe, por não conseguir identificar, mesmo obtendo conhecimentos científico, do menino que carregava em si:

O que mais me intrigava era o fato de minha mãe ser enfermeira e nunca ter percebido o engano que todos cometiam. Ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo. (EVARISTO, 2016, p. 58)

Para Campo Belo, o “ser menino” ao qual ela percebia existir dentro de si, era para além de sensações internas; era visível. O que para ela parecia impossível: sua mãe-enfermeira, onde tem como objeto de trabalho, o corpo, não conseguir notar tais coisas que se mostravam tão evidentes. Considerando a imagem representativa da mãe-enfermeira, e a relação em que Campo Belo atribuía a ela, foi possível constatar o seguinte

dilema dentro de um estigma social de cunho científico acerca de corpos homossexuais: a homossexualidade como uma patologia, uma doença que carece de tratamento. Todavia, não é esse o principal ponto ao qual devemos considerar como primordial na análise proposta, e sim, a falta de reciprocidade.

Kilomba (2019) referente a reciprocidade, diz que existe entre mulher branca e homem branco, e entre mulher branca e homem negro, existe um status oscilante que pode permitir que a mulher branca se coloque como sujeito. Todavia, a mulher negra não é enquadrada neste contexto de dar e receber. A reciprocidade surge através da correlação de grupos simétricos, daí a fundamental importância da recíproca para sujeitos subalternizados, pois esses laços de reciprocidade e solidariedade com outros grupos marginalizados, estabelecem trocas. Podemos, inclusive, sustentar que isso é estratégico para a superação da subordinação que nos é imposta. As relações de reciprocidade estruturadas sob uma forma simétrica são aquelas que geram valores afetivos e éticos, dessa forma, a mãe-enfermeira não notar o menino que habitava em sua filha, fez com que gerasse em Campo Belo, incompreensão e ausência de apoio concernente aos desejos que se firmavam verdades dia após dia.

Momentos como estes foram se perdurando por muito tempo. Campo Belo carregava a certeza de ser diferente de sua irmã e igual ao seu irmão, e em comum a isso, a invisibilidade, sobretudo por parte de sua mãe em não notar tais circunstâncias. Outro momento que marcou sua relação com o menino que trazia fielmente em si, foi quando sua irmã menstruou pela primeira vez, pois o mêstruo é um processo biológico, e reforçado como necessário para a própria feminilidade das mulheres; é só a mulher quem menstrua e quem gera. Esse conceito acerca do ciclo menstrual, é convencional desde os primitivos, portanto, o mêstruo é a “marca da mulher”. Campo Belo dizia não sentir prazer ou desprazer algum com o fato biológico, e que as vezes, gostava de contemplar-se enquanto menina. Mas havia algo que ainda a incomodava:

O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. (EVARISTO, 2016, p. 62)

Presas na ilusão da heteronormatividade, fruto da colonialidade, Campo Belo se sentia fora do ninho ao ver casais sendo formados por homens e mulheres. De maneira que, em algum momento se sentiu pressionada e assumiu um relacionamento com um rapaz que inicialmente se apresentava como um jovem educado. Após sair de casa para a

cidade grande em busca da liberdade e da ruptura de casais impostos pela maioria, Campo Belo relata que foram dias tranquilos, e que enfim pôde ser quem ela realmente tinha certeza, agora já com vinte e dois anos “uma moça a esconder um rapaz”:

Até que um dia um colega da faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito só de palavras e comedidos gestos. Ele de uma elegância e de um cuidado tal que ganhou a minha confiança. (EVARISTO, 2016, p. 63)

Conforme analisado nos contos “Luamanda” e “Beijo na face”, o afeto recíproco para pessoas negras, é ainda utópico. Portanto, ao receber afeto de uma outra pessoa, fez com que Campo Belo, rapidamente, por um momento, deixasse de lado seus desejos e suas certezas. Sua esperança, afinal, era que sendo este uma pessoa tão boa, entenderia finalmente o que ninguém havia entendido até o momento. O que não ocorre; ao contar sobre o rapaz que trazia no corpo mulher, Campo Belo relata que ele esboça um sorriso aparentemente debochado, e nega que tais fatos podiam ser verdades, que talvez seja apenas um medo e:

Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...Eu não sabia o que responder para ele. Em mim, eu achava a resposta, mas só para mim. Eu sabia, desde a infância, do menino que existia em mim. E esse menino crescera comigo, assim como cresceram os meus seios... (EVARISTO, 2016, p. 64)

Ditos como o citado acima, são marcadamente comuns a nós, mulheres lésbicas. A heteronormatividade compulsória, que é uma prática reguladora de sexo/gênero/desejo, leva aos discursos mais homofóbicos, bem como, "É falta de homem!", ou variações como "Isso é porque você não encontrou o homem certo, que te pegue de jeito", tornando assim, o homem a “cura” das mulheres lésbicas. Essas opressões estão de muitas formas relacionadas com a dominação que é exercida pelo machismo, pois muito mais do que exigir que todos sejam heterossexuais, há sobre as mulheres uma expectativa desde que nascem, que é o de se casar com um homem, por conseguinte, reproduzir, desta forma, tornando invisível a existência lésbica. Portanto, ao Campo Belo negar tais realidades, ela passa a sofrer diversos tipos de violências, sobretudo por ser mulher, o que foge à norma e ameaça de algum modo, a supremacia masculina.

Kimberle Crenshaw (2007), ao tornar a questão interseccional mais didática e entendível, propõem que, ao imaginarmos uma interseção, iremos visualizar ruas que seguem em direções diferentes – norte-sul, leste-oeste – e cruzam umas com as outras. Portanto, “se uma pessoa estiver no meio de uma interseção, ela poderá prever que ocorrerão colisões nessa interseção e que provavelmente estará no meio dessas colisões” (2007, pg 11). É o que vemos ocorrer com Campo Belo, cenário este que mostra-se cada vez mais interseccionalizado devido as vulneráveis opressões de raça e gênero: discriminação racial que afeta mulheres e a discriminação de gênero que afeta mulheres negras.

Considerando o exposto, ao analisar falas como, “tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra”, nos deparamos com as colisões ditas por Crenshaw. É fundamental notarmos a extrema reverberação de um dos inúmeros estereótipos que as mulheres negras historicamente é acometida: a hiperssexualização das mulheres por serem negras. Ao analisarmos o período da escravidão no Brasil, iremos constatar que esse mito empreendido no corpo da mulher negra é um dado histórico, conforme também observou Angela Davis (2016):

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítima de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25)

Desde os primórdios a mulher negra aprendeu que seu corpo não é seu, que o prazer seja ele de viver livremente ou o prazer sexual não foi feito para elas, crescendo, assim, o discurso punitivo na privação dos seus desejos sexuais. Portanto, parte desta realidade racista/sexista/machista a latente hiperssexualização da mulher de cor, visto que seus corpos já vêm sendo violentamente desumanizados historicamente, “ultrassexualizados, vistos como objeto sexual” (RIBEIRO, 2018, p. 117).

Criou-se uma propaganda das mulheres negras, que tornam esses corpos escrutínio e sexualmente promíscuos, reduzindo-as a posição de objeto e corpo físico, nos incapacitando do direito ao afeto, Afinal, são as negras que “são vistas como lascivas, ‘fáceis’, as que não merecem ser tratadas com respeito” (RIBEIRO, 2018, p. 117). Neste sentido, vejamos que ao companheiro de Campo Belo referi-la como uma “mulher de fogo”, denota-se um tom pejorativo, sendo neste caso sinônimo de hiperssexualização,

pois segundo ele seria normal essa mulher, por ser negra, ter apetite sexual acima das mulheres não negras. Sueli Carneiro (2011), utiliza em sua obra o termo *Matriarcado da Miséria*, cunhado pelo poeta negro nordestino Arnaldo Xavier, para denominar a forma como as mulheres negras tiveram suas vidas marcadas pela redução a objeto, exclusão e severa discriminação, mas que buscam ainda, resistir a esta imagem deturpada que enquanto sujeitas, negamos e buscamos desconstruir tais discursos. Para contribuição dessa fuga e ressignificação, Evaristo acaba por, também, inserir visões e diálogos que rompem com os discursos hegemônicos e promovem críticas às heteronormatividades.

Quadro que para Campo Belo era impossível agravar, mostrou-se ainda pior ao longo de seu relato. Ela conta que o “pretencioso namorado” continuava a rodeá-la, mesmo agora, sabendo de seus legítimos desejos. Apesar de todo o ocorrido, Campo Belo concedeu a ele a única coisa que pôde oferta naquele momento, sua amizade. Foi quando então, ele a convidou para uma festa, onde dizia ter convidado também alguns amigos e amigas:

Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência de e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. (EVARISTO, 2016, p. 65)

Temas como estupro, maternidade, lesbianidade, dentre outros, começaram a ser trabalhados de modo mais intenso no campo da autoria feminina. Isso deve-se ao fato de sermos tradicionalmente violentadas, sendo o espaço da escrita, forma de denúncia para a realidade de muitas dessas mulheres, inclusive de Campo Belo. A dor do estupro assola a protagonista, de modo que a ferida se perdurou ainda por muito tempo em forma de silêncio. A angústia da leitora e leitor em encarar o momento narrado por Campo Belo, tende a aumentar, haja vista que é a realidade de muitas mulheres, sejam elas homossexuais ou heterossexuais. A “Cultura do estupro”, é um termo utilizado por feministas para indiciar um conjunto de ações da sociedade que toleram o estupro praticado contra as mulheres e também contra sujeitos subalternizados. Em vista disso, utilizaremos aqui o termo “estupro corretivo”, que significa a forma de “correção” da orientação sexual de pessoas que divergem da heteronormatividade, e como percebemos em seu relato, violência que marcou também o corpo de Campo Belo.

No imaginário de quem comete atos como esses, é intolerável e inadmissível que sujeitos que possuam vagina, não desejem pênis ou que não se coloquem a serviço dos

desejos masculinos. Isso deve-se aos moldes impostos, e vigentes há séculos, estabelecendo que as mulheres devem ser sempre passivas, deste modo, obedecerem aos seus maridos, não opinarem em conversas que não lhe dizem respeito, comportassem sempre de maneira agradável, vestissem de maneira a esconder seu corpo, ficar em casa e cuidar dos filhos, moldes esses que Campo Belo se nega a vivenciar, conforme observamos.

O importante nesse contexto da narrativa estudada, é visualizarmos que esta brutal violência foi motivada pela homofobia, o que leva a prática de vários crimes, como lesões corporais, homicídios, e ocorrido com Campo Belo, estupro corretivo. As mulheres que se assumem lésbicas, bissexuais, transexuais, são suscetíveis a esse tipo de violência, considerando não somente os fatores relacionados a homofobia mais também os relacionados ao sexismo, este que foi introduzido na sociedade ao longo da história. O intuito desses homens é mudar a orientação sexual das mulheres impondo a superioridade masculina, ou seja, a heteronormatividade, sob o pretexto de tentar “curar” as vítimas da homossexualidade. Portanto, o estupro corretivo, é o discurso de ódio através da prática, sob esses corpos subalternizados, como o de Campo Belo, brutalmente atacado “deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Angela Davis (2016) aborda o fato de mulheres negras não serem tratadas como frágeis e castas, pois necessitaram realizar serviços braçais, tornando-as ainda nos dias de hoje, mulheres fortes capazes de tudo. O que diferenciava essas mulheres escravizadas dos homens escravizados, era a violação que submetiam seus corpos pelo estupro. Djamilia Ribeiro (2018), considera que “[a] mulher negra ter sido submetida a esse tipo de violência sistematicamente evidencia uma relação direta entre a colonização e a cultura do estupro” (RIBEIRO, 2018, p. 117). Ressalto que, a intenção não é dizer que mulheres brancas não passam por isso, todavia, é a mulher negra estruturalmente objeto sexual tornando-se assim, alvo suscetível a tais práticas.

Esse é o mundo que habitamos: o mundo das topografias do horror. O sentimento de insignificância, humilhação, dentre outros, que sentiu Campo Belo, apesar de trágico, é a realidade de muitas. Somos reduzidas e invisibilizadas a cada instante, ou conforme aponta Gloria Anzaldúa (1981) “[a] lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos”. Utilizando desse apontamento tido por Anzaldúa, retornemos à incompreensão de Campo Belo para com sua mãe, pois conforme evidenciamos, a falta de reciprocidade e a invisibilidade a qual fora submetida, gerou em Campo Belo diversas dúvidas, isso

porque estava vivenciando o intercruzamento em ser uma mulher negra lésbica. Sojourner Truth, uma das maiores abolicionistas negra, em uma das reuniões antiescravistas, foi questionada acerca de realmente ser uma mulher. Isto por sua cor negra, portanto, incapaz de receber o título de mulher. Foi quando então discursou a seguinte mensagem:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Truth abriu espaços para a mulheridade negra falar e afirmar seu lugar de mulher na sociedade, sejam elas, héteros, lésbicas, mães etc. Segundo bell hooks (2020), Truth falou de si e de outras, e da habilidade que essas têm de “suportar perseguição, abuso físico, estupro, tortura; e de não somente sobreviver, mas emergir triunfante”, o que ocorre com Campo Belo, pois mesmo diante da invisibilidade e agora da violência que seu corpo foi submetido, permanece relutante.

Após a violência brutal contra seu corpo, Campo Belo engravida de um dos agressores, o que só legitima sua (re)sitência, sobretudo, ao prosseguir com a gravidez Pós-estrupe, mesmo o Código Penal Brasileiro prevendo atendimento às mulheres que solicitam interrupção legal da gestação, Campo Belo se mostra mais uma vez capaz de ressignificar-se em meio ao caos. Apesar dos principais impactos psicológicos no desenvolvimento da relação mãe/bebê nessa situação adversa, Campo Belo demonstra-se capaz de amar:

Eu vivia por ela. Tudo em mim era adormecido, menos o amor por minha filha. Entretanto, bons ventos também sopram. E quem me trouxe o vento da bonança foi ela, minha filha. Como? Digo eu, como? (EVARISTO, 2016, p. 66)

Há uma frequência, quiçá, preferência por parte de Evaristo, de construir mulheres negras enquanto mães. Considerando a lógica empregada nas narrativas da escritora, a maternidade não configura um peso ou uma imposição social para a Campo Belo, pois assim como afirma ao lembrar-se de sua gravidez, conceber uma criança não lhe era um desejo e tampouco um risco. Walquíria chega como um hiato de amor quando tudo que o

mundo oferecia era incompreensão e violência. Junto a ela, trouxe também Miríades, a qual Campo Belo narra ser semelhante a ela:

Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto as outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferentes de todas que ali estavam. (EVARISTO, 2016, p. 66)

Ao fim de sua entrevista, Campo Belo encontra, no mirar persistente da professora de sua filha, o desejo que há muito tempo havia soterrado. Dessa forma, ela compreende então que a sua identificação enquanto mulher não precisaria passar pelo crivo da heterossexualidade ou dos paradigmas de “feminilidade”, superando, então, as adversidades com relação aos conflitos interiores advindos da não vinculação de seus desejos à matriz da heterossexualidade compulsória, a qual, segundo Butler (2003, p. 52), consiste num movimento unidirecional e não dissonante entre sexo biológico-gênero-desejo sexual-prática sexual. A certeza de que carregava um menino no corpo de uma menina, foi superada ao encontrar sua semelhante, onde com ela pôde aprender a se conhecer e ser feliz com os desejos que realmente sentia.

Neste último conto estudado, e que não se faz menos importante que os outros anteriores, é onde temos e podemos observar com evidência, além das opressões inter cruzadas e advindas do racismo, a problemática em torno do gênero/sexualidade. Percebe-se ao longo do relato de Campo Belo, uma busca incessante, em que os seus próximos a vissem como ela realmente era, um menino. E isto ocorre, sobretudo pelos moldes em que a sociedade estabeleceu como sendo coerentes para possíveis desejos sexuais. Em comum a isso, vejamos que é desta forma que o sistema sexo-gênero é radicalmente pensado, a fim de abalar o traço mais radical da metafísica: a heteronormatividade, ou seja, a norma que se cunha nos corpos a fim de torná-los homens ou mulheres, femininos ou masculinos, heterossexuais ou homossexuais, ativos ou passivos e assim por diante, tendo sempre como modelo de cunhagem a diferença sexual como modo de agir e de subjugar um corpo a outro.

Judith Butler (1988), ao desenvolver uma análise sobre essa linha tênue entre gênero e sexualidade, afirma dizendo que o gênero não é algo que está acabado, estando constantemente em construção através do tempo, sendo assim um fenômeno inconstante e contextual. Portanto, a heteronormatividade torna-se compulsória ao pensarmos como um fenômeno performativo, socialmente compartilhadas e historicamente constituídas:

Evidentemente, embora, imagino a genealogia crítica de gênero dependendo de um conjunto de pressupostos fenomenológicos, o mais importante entre eles é a visão ampliada de “ato”, que é ao mesmo tempo socialmente compartilhada e historicamente construída e que é performativa. (BUTLER, 1988: p.530)

Campo Belo buscava-se em uma figura masculina, considerando ser sua única representação no lócus social, deste modo, sempre vinculando seu gênero de forma restrita. Em direção a isso, Butler reflete sobre a sexualidade, dizendo que “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (2003, p.47). Butler relê a questão a partir de Foucault, adotando a noção de “tecnologia sexual”, ou seja, o fato de que a sexualidade é resultado de um conjunto de ações sociais que engendram comportamentos e relações sociais. Através dessa reflexão acerca do gênero/sexualidade, foi possível constatar o quanto Campo Belo por muito tempo foi submetida ao “silêncio”, a fim de se enquadrar no único modelo possível, até então, heteronormativo. Todavia, ao encontra-se com sua igual, Miríades, é acordada para um amor, que traz consigo o afeto e a satisfação pessoal, possibilitando o seu espaço e coragem para afirmar que poderia amar uma outra mulher, ou melhor, sua semelhante, exercendo o seu direito à vida plena, no momento em que se permite viver sua sexualidade livremente, e se autoconhecer.

Seguindo para o então fim da narrativa, Campo Belo relata de forma sutil e grata, que sua parceira Miríades veio a falecer: “Miríades brinca de esconde-esconde em alguma outra galáxia. Ela jaz no espaço eterno”. Apesar do inevitável destino de meros mortais, Campo Belo alcança o afeto que para ela, era impossível, e então, eternizou os imensuráveis momentos que tivera com sua semelhante. Mesmo diante das mais diversas opressões, bem como, raça, gênero, sexualidade etc, sendo eles o verdadeiro fel, Campo Belo é afortunada com o afago de sua parceira, mulher preta. O amor, como já lembrado, é algo ainda negado para nós. Contudo, sabemos ser o afeto capaz de suscitar “um chamamento à vida” e represar as vivências de múltiplas opressões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também.

Conceição Evaristo.

Conforme foi possível constatar, ser mulher negra por si só, já infere automaticamente um risco na sociedade em que vivemos. Pois apesar de muitos apontarem que já alcançamos a “democracia racial” no Brasil, esse fato torna-se mito constante nas mãos de Evaristo, que ao ficcionalizar histórias guardadas na memória, assume o compromisso de romper com o silêncio e marginalidade que a muito tempo foi destinado para as mulheres negras e lésbicas. Digo isso, pois a combinação dessas opressões, coloca a mulher negra lésbica num lugar ao qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática que não negue identidades em detrimentos de outras.

Outro ponto importante a se considerar, é o condicionamento em que a escritora utiliza para dar visibilidade a esses corpos negros e lésbicos, sem tratá-las com traços estereotipados, seja como mulher negra, sendo elas passíveis de afeto e não apenas de desejos sexuais, ou como mulher negra lésbica, pois as personagens não são marcadas pela masculinidade conforme é recorrente na literatura e em nossa sociedade. Desta forma a narrativa de Conceição Evaristo nos permite romper com essa estereotipia que foi construída ao longo de nossa história. Vale ressaltar, que os três contos pesquisados no presente estudo, traçam linhas distintas, que em dado momento, cruzam umas com as outras, seguindo até uma certa estratégia para se pensar a questão identitária, apesar de serem diferentes obras, mantém-se a discussão central acerca do *gênero* e *sexualidade*.

Notemos que no conto “Luamanda”, temos a presença de uma mulher negra, onde assim como a lua, tem suas fases. Uma mulher que está propensa a conhecer pessoas, pois há na personagem, uma liberdade de escolhas no campo afetivo; seus desejos não consentem em um padrão de heterossexualidade ou/e homossexualidade. Há sobretudo, o processo de autorreconhecimento por Luamanda, o que dá o tom ainda mais expressivo

para o conto, pois a criação de uma personagem como Luamanda, é fundamental para a (re)construção da identidade da mulher negra.

Já no conto “Beijo na face”, a escritora segue com a mesma discussão, no entanto, motivada por outro discurso. Conforme estudado, *Beijo na face* diz respeito, assim como os demais, à necessidade de resistir aos percalços que somos, enquanto mulheres negras, submetidas. A escolha da personagem “Salinda”, nos possibilitou para além das diversas possibilidades de amar, a se reconhecer no outro, pois é através de si e do outro, que nos conhecemos, sendo também, incentivo para que por meio dessa busca, mulheres negras possam reunir forças capaz de lidar com as opressões de raça, gênero, orientação sexual, etc.

Por último em “Isaltina Campo Belo”, onde observamos ser uma personagem focalizada pelas intersecções de opressões, mulher, negra, e cá podemos afirmar uma identidade lésbica, conforme apontado por Campo Belo no fim da entrevista concedida à Evaristo. Neste conto, a discussão gênero *versus* sexualidade, situa-se no momento em que a personagem coloca um fim na fuga de seus desejos, se descobrindo uma mulher lésbica, em decorrência disso, experiencia a dor que atravessa o corpo da mulher negra, bem como as violências causadas pela objetificação e hipersexualização. Apesar disso, a narrativa possibilita que as mulheres negras encontrem meios de ressignificarem suas relações afetivas trazendo o afeto para o centro de suas vivências.

Conceição Evaristo demonstra obter uma ótica avançada sob a diversidade intrínseca às relações de gênero, faz-se verdadeira afirmação, ao analisarmos os enredos que celebram a diversidade de amores/afetos da negritude. Pois de diferentes formas, a escritora narra e acolhe dilemas sociais vivenciados por mulheres negras, lésbicas, mães, filhas etc. de forma a modificar a imagem estereotipada que foram submetidos esses corpos subalternizados. Evaristo subverte às narrativas canônicas, ao produzir textos literários, onde apareça a subjetividade da mulher negra na sociedade brasileira, despida da estereotipia marcadamente endossada em uma série de textos da literatura brasileira. Desse modo, a pesquisa em evidência, nos trouxe a possibilidade de assistir a realidade da mulher negra lésbica em nossa sociedade através da arte de Evaristo, pois é olhando para o passado e presente, que podemos criar estratégias de mudanças ou/e de sobrevivência.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. *Sejamos Todas Feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Anzaldúa, G. E. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo*. Revista Estudos Feministas, 8(1), 229-236, 2000.

ARAUJO, Roselene Cardoso. *As imagens da mulher afro-brasileira em Olhos d'água de Conceição Evaristo*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2020.

ÁVILA, Maria Betânia. Liberdade e legalidade: uma relação dialética. In: *Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto/ Organizadoras Maria Betânia Ávila, Ana Paula Portella e Verônica Ferreira*. – Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BARRETO, de Andrade Raquel. *Enegrecendo o Feminismo ou feminizando a Raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

BERND, Zilá. Literatura Negra. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 267-275.

BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160 p.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*. Theatre Journal, Vol. 40, No. 4. (Dez., 1988), p. 519-531.

CAVALCANTI, Camila D. (2007). *Visíveis e invisíveis: identidade e práticas bissexuais*. Dissertação de mestrado. UFPE. Mimeo.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, n. 10, p.177,2002.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. *A interseccionalidade na discriminação de raça e de gênero*. In.: Cruzamento: raça e gênero – Painel 01 - 2007.

DUARTE, Constância Lima. *Marcas da violência no corpo literário feminino*. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário. *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 147-57.

DUARTE, Constância Lima. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFGM, 2011.

DAVIS. Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 2º ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição (2005). *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora da UFPB; Idéia.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 28. ed. PAZ E TERRA, 2008.

GOMES, Heloisa Toller. *Visíveis e invisíveis grades: vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea*. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, EDUFU, v. 12, n. 15, p. 13-26, 2004. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em: 25 out. 2015.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria Político-Cultural da Amefricanidade*. In: \_\_\_\_\_. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018a.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Arquivo Círculo, 1988.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. In: \_\_\_\_\_. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018g.

GONZALEZ, Lélia. A Questão Negra no Brasil. In: \_\_\_\_\_. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018d.

HOLANDA, Heloísa Buarque. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478. \_\_\_\_\_. *Vivendo de amor*. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor> Acesso: março de 2015.

HOOKS, bell, *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS. Bell. *Eu não Sou uma Mulher?* Trad. Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Fátima. *Raça, Interseccionalidade e Violência*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. tradução Stephanie Borges. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. *Textos escolhidos de Audre Lorde*. Trad. Heréticas edições Lesbosfeministas independentes. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>. Acesso em: 07 de set.2016.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss, Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2012. *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica*. 3ª ed., Brasília, Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde/Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 123 p.

NASCIMENTO, Gizêlda. (2008), “Grandes mães, reais senhoras”. In: E. NASCIMENTO (Org). *Guerreiras da Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo, Selo Negro, (Sankofa: Matrizes africanas da cultura brasileira 03), pp.49 - 63.

NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.

PAZ, Octávio. *A dupla chama. Amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PRANDI, Reginaldo, *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo Negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Fábio. Terra. *Homossexualidade não é doença segundo a OMS*; entenda, 2011. Disponível em:  
<<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/ha-21-anos-homossexualismo-deixou-de-ser-considerado-doenca-pela-oms,0bb88c3d10f27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>> Acesso em: 22 de abril de 2018.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.